

A HETEROGENEIDADE DA INFÂNCIA NO ESPAÇO COLETIVO DA CRECHE¹

Andriele Ramos Pellenz²

Ketlin Francini Santana de Andrade³

RESUMO

A temática deste trabalho é resultado da prática de estágio em educação infantil e das reflexões tecidas a partir desta experiência, discutindo uma questão relevante e por vezes esquecida nas instituições de educação infantil, a heterogeneidade, característica presente na infância. O estágio se dividiu em dois semestres, incluindo a observação e a prática docente, no qual experenciamos o cotidiano da creche e vivenciamos o ser professora. Neste processo utilizamos duas formas de registrar, o registro fotográfico e o escrito, tanto das experiências das crianças, quanto das propostas realizadas com elas. O quadro teórico se situa nos estudos da área da educação e da sociologia da infância, que serviram de apoio para as reflexões feitas a partir da prática. A relação construída com as crianças permitiu que tivéssemos resultados significativos, assim pensando em propostas que respeitassem as singularidades de cada criança no espaço que é coletivo. Os temas que serão abordados neste artigo estão relacionados ao processo de documentação pedagógica que permitiu pensar e repensar propostas que fossem do interesse das crianças; as múltiplas linguagens das crianças, considerando o planejamento do espaço/tempo para contemplar esta dimensão; a heterogeneidade e a singularidade; o momento da roda e a forma circular como possibilidade para o trabalho pedagógico.

Palavras chave: Educação Infantil - Infância – Heterogeneidade

¹ Trabalho elaborado para a conclusão da disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Infantil II do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina, orientado pela professora Dra. Angela Maria Scalabrin Coutinho.

² Formada em Pedagogia com habilitação em Educação Infantil e Orientação Educacional pela Universidade Federal de Santa Catarina, atualmente é professora na área da Educação Infantil na Prefeitura Municipal de Florianópolis.

³ Formada em Pedagogia com habilitação em Educação Infantil pela Universidade Federal de Santa Catarina, atualmente trabalha na área da Educação Infantil na Prefeitura Municipal de São José.

HETEROGENEITY OF CHILDHOOD IN THE COLLECTIVE SPACE NURSERY

ABSTRACT

The theme of this work is the result of practical internship in early childhood education and the reflections made from this experience, discussing a relevant issue and sometimes overlooked in early childhood institutions, heterogeneity, a feature present in childhood. The stage is divided into two semesters, including observation and teaching practice, in which we experienced the daily life of the nursery and experienced being a teacher. In this process we used two ways to register, the photographic and written, both to register the experiences of children and the proposals made to them. The theoretical frame lies in the area of education and sociology of childhood, which served as support for the reflections from practice. The relationship built with the children allowed us to have meaningful results, thereby considering proposals that respect the uniqueness of each child in the space that is collective. The issues to be approached in this article are related to the process of pedagogical documentation that allowed to think and rethink proposals that were in the interest of children; the multiple languages of children, considering the planning of space / time to contemplate this dimension; the heterogeneity and uniqueness; the moment of the wheel and circular shape as possible for the pedagogical work.

Keywords: Childhood Education - Childhood - Heterogeneity

1. INTRODUÇÃO

O estágio foi um momento essencial para a nossa formação, no qual experienciamos o cotidiano da educação infantil, vivenciando e nos apropriando das especificidades e desafios que estão presentes nesta primeira etapa da educação básica, a qual consideramos importante para o desenvolvimento da criança. O estágio se apresenta como requisito para a conclusão no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina, na habilitação em Educação Infantil⁴ o estágio é dividido em duas fases. A primeira etapa é na 7ª fase que consiste no conhecimento do campo de estágio, observação e aproximação à realidade da instituição, a segunda etapa é na 8ª fase, quando retornamos para observar e nos aproximarmos do grupo de crianças para pensar em propostas significativas para elas.

O estágio foi desenvolvido no Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI) ligado à Universidade Federal de Santa Catarina–UFSC. Trata-se de uma instituição pública, que atua na área da Educação Infantil, com crianças de 0 até 6 anos. O grupo de crianças no qual desenvolvemos o estágio foi o 5B, sendo a Dra. Giandréa Reuss Strenzel a professora do grupo, no qual era constituído por quinze crianças, nove meninos e seis meninas, cujas idades variam entre quatro e cinco anos.

A partir desta experiência muitos aspectos nos chamaram a atenção, mas no intuito de trazer um debate com reflexões mais aprofundadas neste artigo, selecionamos algumas questões. Estas surgiram a partir das observações, dos registros, do vivido com as crianças e da dinâmica do processo.

Ao planejarmos as nossas proposições criamos a expectativa de que todas as crianças demonstrariam interesse e se envolveriam, mas no desenvolvimento das propostas percebemos que há diferentes modos de envolvimento por parte delas. Ao revisar os registros percebemos situações nas quais a maior parte do grupo estava envolvido com o proposto e ao mesmo tempo algumas crianças estavam vivenciando outras experiências e as vezes até a mesma, mas ao seu modo. Estas diferentes formas de participação e interesses nos causaram inquietações em relação à prática desenvolvida com as crianças, pois achávamos que nossas propostas não estavam sendo significativas para elas. Essas questões são centrais no âmbito da educação infantil, já

⁴ A organização do curso de Pedagogia por habilitação permaneceu até o primeiro semestre de 2012, portanto, a turma da qual fazíamos parte foi a última desse currículo.

que em grande medida elas demarcam o que é próprio dessa etapa da educação básica e a difere das demais, já que a dinâmica do trabalho com as crianças pequenas não precisa estar engessada em propostas homogêneas, ou seja, que todos tenham que fazer tudo ao mesmo tempo e no mesmo lugar. Contudo, embora essa seja uma marca do trabalho na educação infantil, a sua efetivação enfrenta grandes desafios, dentre eles a lógica de organização da sociedade que é completamente outra.

Durante o processo do estágio estas inquietações foram sendo modificadas e compreendidas, a medida que fomos conhecendo o grupo, o que reafirmou a importância dos registros, do planejamento e do replanejamento. A partir das reflexões e teorizações por meio da documentação pedagógica, buscamos estratégias que atendessem a dinâmica desse grupo, bem como as características de cada criança. Esta percepção foi possível ao longo do processo, pois em uma primeira leitura não conseguimos perceber algumas características da especificidade da prática pedagógica na educação infantil, o que foi possível principalmente no último dia, quando na socialização de estágio, as crianças e os familiares nos deram retorno em relação ao trabalho construído. Algumas crianças nos convidaram para brincar com a cantiga: “Linda rosa juvenil” que foi proposta no início das proposições e que em um primeiro momento compreendemos que não havia sido muito interessante para elas, dado o modo diversificado como as crianças se envolveram com a proposta. Ainda na socialização, alguns familiares comentaram sobre a expectativa das crianças com relação ao trabalho proposto.

Aos poucos, nas vivências com as crianças íamos tentando perceber suas preferências e os modos como se relacionam, entre elas e com as nossas proposições. Assim, buscamos estratégias mediante as quais nossas proposições respeitassem as singularidades, mas também que abrangessem o coletivo.

Diante disso, as questões que se apresentaram, a partir do que foi observado e experienciado durante o estágio, dizem respeito ao processo de mediação, em vários momentos tivemos dúvidas e nos questionamos sobre como mediar alguns momentos, respeitando os direitos das crianças? O que falar em determinadas situações? Como mediar conflitos? Na relação com as crianças pequenas, como respeitar suas especificidades? De que forma pensar em proposições que respeitem as singularidades, mas também abranjam o coletivo?

Em relação à documentação pedagógica, discutiremos o quanto foi necessário e importante revisar os registros e o planejamento, no sentido de que a nossa prática

pedagógica se aproximasse da demanda demonstrada pelo grupo. A especificidade do trabalho na educação infantil se apresentou nos movimentos diversos e heterogêneos das crianças, o que nos levou a questionar como, neste papel de estagiárias, poderíamos lidar com estes movimentos que são intensos no universo da educação infantil?

Esse conjunto de reflexões, que se complementam e entrecruzam, esteve presente em nossa prática durante o estágio, intencionamos problematizá-las ao longo do artigo, no intuito de repensar e discutir sobre o que foi realizado com as crianças. Assim, traremos trechos de nossos registros, fotografias, memórias do que foi vivido com as crianças e autores que fundamentam as questões abordadas.

2. DO VIVIDO À REFLEXÃO: UM CRUZAMENTO NECESSÁRIO

No segundo semestre do estágio as crianças do grupo se mostraram receptivas a nós estagiárias, assim como na nossa primeira inserção. Elas nos escolhiam como parceiras em suas brincadeiras, nos inserindo em seu cotidiano, compartilhando seus interesses e ideias. Diante desta dinâmica, fomos conhecendo com mais propriedade as características de cada criança e do coletivo.

No período de observação, as nossas primeiras impressões se voltavam para aspectos do cotidiano vivido entre elas, quando algumas situações nos chamaram a atenção, como os momentos de brincadeiras, o momento do lanche e da roda. Percebemos que geralmente as crianças escolhiam os mesmos parceiros em suas brincadeiras e frequentemente eram agrupadas por gênero ou por afinidade, dificilmente essas escolhas eram alteradas. As brincadeiras eram marcadas pelo imaginário, ao brincar de faz de conta um dos espaços mais escolhidos pelas meninas era o da casinha. Os meninos variavam entre carrinhos, jogos, blocos de madeira, exploravam livros, por vezes brincavam de super-heróis e dinossauros. O momento do lanche também nos chamou a atenção, pois o movimento das crianças era diverso, muitas vezes aproveitavam para brincar com os alimentos, como por vezes disputavam o espaço ao lado de quem sentariam.

No cotidiano deste grupo, percebemos que uma das práticas comuns era o convite para a participação na roda, sempre era organizada em um tapete retangular no canto da sala. Os momentos de roda nos causavam inquietação, pois a importância da mediação do professor se mostrou evidente, no sentido de mediar os diálogos, o respeito da vez de falar e ouvir o outro e também mediar os conflitos que por vezes surgiam. Foi

em um desses momentos da roda de conversa que nós estagiárias conseguimos perceber que este poderia ser muito rico para as crianças, mas que exigiria que buscássemos estratégias para mediar as relações que ali aconteciam.

A partir da terceira semana de estágio, a intenção era que fôssemos planejando proposições gradativas que acompanhassem a demanda apresentada pelas crianças, no sentido de pensar um planejamento integrado com o que estava sendo proposto pela professora do grupo, de forma que não houvesse um rompimento do que já estava sendo trabalhado. Assim, nosso ponto de partida foi o interesse das crianças pelos dinossauros, sendo que este tema já havia sido iniciado com o grupo. O desafio era pensar proposições no sentido de ampliar o repertório cultural das crianças em relação a este tema, promovendo momentos lúdicos, bem como as brincadeiras no parque, o lanche e outros momentos que caracterizam o cotidiano na educação infantil.

No intuito de partilhar a experiência de estágio, selecionamos algumas situações que se destacaram para a análise, juntamente com alguns registros. Escolhemos a característica da heterogeneidade, pois essa questão é própria da humanidade, se apresentando desde a infância, a qual se revelou fortemente neste grupo. Isso nos levou a refletir sobre a nossa prática com as crianças, em relação ao tempo e ao espaço, organização do cotidiano, sobretudo, os momentos da roda.

No cotidiano da instituição observamos que as crianças reafirmam em todos os momentos suas características de heterogeneidade, vivenciando diferentes experiências em seus tempos, que são distintos:

Na massagem com as bolas, algumas crianças se interessaram em realizar massagens umas nas outras, a Patrícia⁵ e a Eduarda fizeram em mim, em seguida elas realizaram uma na outra. Outro aspecto a destacar são os diversos interesses e os diferentes tempos que cada criança destina para determinada atividade, pois a Patrícia e a Eduarda estavam bem envolvidas, participaram de tudo que estava sendo proposto, realizaram todos os exercícios, ficando do começo ao final. Elas iniciaram juntamente com todos e foram as últimas a parar de se massagear, estavam aproveitando e conversando. Enquanto isso, umas já estavam jogando a bola para cima, outras haviam se deslocado para o espaço coberto que tem os brinquedos de plásticos e em outros locais ao redor. (Registro Andriele, 03/05/12)

Este trecho nos revela os diferentes movimentos demonstrados pelas crianças em uma mesma atividade, em nossa prática observamos que as crianças indicam com

⁵ Neste artigo os nomes das crianças serão fictícios para salvaguardar as suas identidades.

gestos, palavras e atitudes, que desejam viver esta heterogeneidade e dependendo da situação elas vivem com mais ou menos intensidade. Nessa perspectiva, elas buscam outras opções que não aquela que está sendo proposta, como pegar livros no momento da roda, comer em outros lugares que não na mesa, buscar outras brincadeiras ao invés de participar da atividade proposta pela professora, puxar assuntos que não estão sendo trabalhados, afirmando a característica plural do ser humano,

Toda atividade humana é heterogênea. Nela se realizam ações de diferentes tipos. Na observação de uma experiência pedagógica é importante estarmos atentos a essa diversidade (...) é importante ampliar o nosso campo de observação e sermos conscientes das possíveis contradições entre o proclamado e o executado no cotidiano educacional. (Ludke e Mediano, 1997:16 apud BATISTA, 1998, p.22)

Este trecho indica que devido as diferentes experiências dos sujeitos, os interesses são múltiplos, o que é demonstrado pelas crianças no cotidiano das instituições educativas, já que encontram maneiras para demonstrar suas singularidades. Dessa forma utilizam diferentes linguagens e formas de expressão, reafirmando a concepção de criança encontrada nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) que a entende como,

[...] sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (p.12)

Diante desta concepção de criança, que é considerada o centro do planejamento curricular, que é um sujeito histórico e de direitos, que está inserida em uma cultura e que tem a sua infância marcada por diversos fatores como, sociais, gênero, etnia, econômicos e religiosos. Estes são indicativos que mostram as distintas experiências vividas pelas crianças, assim podemos refletir com Oliveira (2010) a afirmação da heterogeneidade presente no processo de constituição da criança,

A maneira como ela é alimentada, se dorme com barulho ou no silêncio, se outras crianças ou adultos brincam com ela ou se fica mais tempo quietinha, as entonações de voz e contatos corporais que ela reconhece nas pessoas que a tratam, o tipo de roupa que ela usa, os espaços mais abertos ou restritos em que costuma ficar, os objetos que manipula, o modo como conversam com ela, etc. – são elementos da história de seu desenvolvimento em uma cultura. (p.5)

Oliveira (2010) chama a atenção para a complexidade que existe ao redor de cada criança, representando o universo diverso do ser humano, no qual produz e é inserido em uma cultura. Assim, cada criança deve ser vista como sujeito único, que “se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas a ela disponibilizadas e por ela estabelecidas com adultos e crianças de diferentes idades nos grupos e contextos culturais nos quais se insere” (idem, p.5).

As instituições de educação infantil são caracterizadas por ser um espaço coletivo, contudo as práticas educativas que ali se realizam devem considerar as singularidades de cada criança, como afirma De Angelo (2007, p. 56) “sujeito de expressão, de afeto, de socialização, de movimento, imaginário, de ludicidade, utilizador e edificador de múltiplas linguagens.” Mas como pensar a prática educativa, de forma a respeitar as especificidades no espaço que é coletivo?

A educação é permeada por contradições, reveladas no cotidiano, pois a tendência das nossas práticas é sempre pensar na homogeneidade, exaltando o coletivo, secundarizando as especificidades de cada criança, mas como pensar esta realidade na prática pedagógica? A aproximação do professor com o seu grupo de crianças, permitirá a ele refletir sobre a sua prática pedagógica, com estudos e tentativas, para a garantia das singularidades, como neste trecho no qual Coutinho (2002, p. 11) afirma que,

Mostra-se necessário que se pesquisem as práticas pedagógicas aliadas às vivências infantis, que se conheçam primeiramente as crianças para as quais estão sendo pensados os serviços prestados pelas instituições de educação infantil, para se propor então uma educação condizente com as especificidades dos sujeitos em questão.

As ações e reações das crianças do grupo 5B diante das nossas propostas reafirmaram a dinâmica da heterogeneidade, que está contida no cotidiano da educação infantil. Essa característica, apesar de reconhecermos como uma marca do trabalho com as crianças pequenas, nos desestabilizou em alguns momentos, pois achávamos que essas diferentes formas de manifestação das crianças pudessem estar indicando que nossas propostas não estavam sendo interessantes para elas.

Essa primeira percepção, como já citamos anteriormente, foi sendo desconstruída e melhor compreendida no decorrer do estágio, onde as crianças, de diferentes maneiras, nos deram retorno do trabalho que estava sendo desenvolvido e também nós estagiárias fomos buscando estratégias para respeitar e incorporar as diferentes manifestações das crianças em nossos planejamentos.

A seguir um trecho do registro que mostra um momento, no qual as crianças participaram de diferentes modos em uma das brincadeiras propostas,

As crianças ficaram muito curiosas para saber o que continha a caixa e quando tiramos as fantasias o entusiasmo aumentou. Eu e a Andrielle dramatizamos a história com a ajuda de Anderson, que neste dia trouxe uma coroa de rei, e por isso, o convidamos para ser o rei na história. Só o João ficou de pé, andando pela sala, mas parecia estar prestando atenção. Depois propusemos às crianças a brincadeira da roda com a música da linda rosa juvenil, onde as crianças poderiam se caracterizar com as fantasias. Primeiro João escolheu a tiara que era da linda rosa; Luiza e Mariana foram as primeiras bruxas, os reis foram Anderson e Otávio. Os meninos Paulo, Bernardo e Mateus participaram uma vez da brincadeira com a cantiga de roda, mas na segunda vez, eles preferiram não brincar novamente e ficaram sentados no chão perto do quadro conversando entre eles⁶. (Registro Ketlin, 11/04/2012)

O trecho descrito acima é referente ao primeiro dia de proposição planejada por nós estagiárias. Neste dia tivemos dificuldade de chamar as crianças para a roda, pois algumas resistiam um pouco devido a estar envolvidas com brinquedos e brincadeiras, desta forma respeitamos esta escolha. Ao colocarmos a caixa surpresa no meio da roda, o interesse das crianças aumentou, logo se sentaram no tapete curiosas e ansiosas pelo conteúdo da caixa. O fato de três crianças terem participado somente uma vez da brincadeira da linda rosa, nos chamou a atenção, pois achamos que a proposta não havia sido significativa para elas. Algumas situações de conflito entre as crianças se mostraram presentes em diferentes momentos e essa questão nos desafiava ainda mais.

Os estudos realizados por Batista (1998) chamam a atenção para as características de heterogeneidade presente no cotidiano e coadunam com essa perspectiva:

Esta observação mostrou que o cotidiano tecido no ambiente coletivo de um grupo de crianças e adultos não revela a homogeneidade pretendida pelos profissionais da creche que parecem buscar um ambiente pretensamente harmônico em que todas as crianças fazem o que o adulto determina. O que se percebe neste cotidiano é que, apesar da rotina, as crianças mostram-se, identificam-se e rebelam-se através de ações e reações de acomodação, resistência, conflito, e também de complementaridade às propostas feitas pelos adultos. Isto vêm reforçar a concepção da natureza contraditória da realidade humana impregnada de diferentes sentidos e significados. Esta realidade, comporta diversas vozes (polifônica), é igualmente atravessada por

⁶ Esse trecho de registro escrito foi modificado após ter sido revisitado e cruzado com o registro fotográfico, que nos permitiu ter um novo olhar para este momento e enxergar coisas que em um primeiro momento não havíamos observado.

múltiplos sentidos (polissêmica), e nas suas contradições também é possível perceber vozes dissonantes e silêncios eloqüentes. (p. 22)

A concretização desta heterogeneidade no cotidiano é bastante complexa, pois esta multiplicidade de linguagens se apresenta como um desafio no processo de mediação nas relações e situações que se estabelecem. Embora seja desafiador, é possível pensar práticas que garantam aspectos que consideramos essenciais para o desenvolvimento da criança. Diante de situações semelhantes, nós estagiárias nos deparávamos com o imprevisto, pois trazíamos o planejamento estruturado esperando a participação das crianças. De certa forma, isso nos causava angústia por acharmos que não estávamos abrangendo os diferentes interesses existentes entre elas. Assim, nos deparamos com uma das especificidades do trabalho na educação infantil e compreendemos, como nos afirma Batista (1998, p.142), que “não se consegue evitar a imprevisibilidade constituída na dinâmica do cotidiano plural onde se entrecruzam diferentes concepções de mundo carregadas de sentido e significado construídos no contexto social e cultural do qual as crianças fazem parte.”

A partir dos indicativos que vinham se mostrando na vivência com as crianças e em nossos registros escritos e fotográficos, o replanejamento diário se mostrou necessário, pois tínhamos a necessidade de buscar estratégias que atendessem melhor a dinâmica apresentada por este grupo. Assim, vários questionamentos se mostraram importantes: Como mediar os momentos da roda e os momentos de proposições de forma a respeitar os movimentos heterogêneos das crianças? Será que devemos chamar todas as crianças para participarem ao mesmo tempo? Nossas proposições estão atendendo aos diferentes interesses das crianças? Como refletir com as crianças sobre os conflitos?

O processo de documentação pedagógica, que inclui o observar, o registrar, o planejar e até mesmo o replanejar, em parceria com as discussões realizadas junto à professora orientadora, professora do grupo e nós estagiárias, contribuiu para refletir sobre a nossa ação, possibilitando assim organizar, enriquecer e prosseguir nosso trabalho com as crianças. Os registros dos acontecimentos diários nos permitiram perceber melhor as crianças deste grupo e as relações que ali se constituíam, como afirma Ostetto (2010), a prática do registro é “a base para refletir sobre o passado, para avaliar as ações do educador, para rever o cotidiano educativo e o trabalho desenvolvido com o grupo de crianças, também para reafirmar o presente e projetar o futuro” (p. 21).

A partir da escrita e da análise dos registros escritos e fotográficos fomos ampliando a nossa compreensão das singularidades de cada criança e também do grupo, reconhecendo assim, que cada criança tem seu tempo e este tempo nem sempre está em consonância com o planejamento do professor e com as propostas. Dessa forma destacamos a importância do cruzamento dos registros escritos com os outros modos de registrar, como o fotográfico, pois nos ajudam a ampliar nosso olhar, nos permitindo enxergar melhor o que está acontecendo no cotidiano. Como indicamos no registro anterior, ele foi modificado quando confrontado com o registro fotográfico que segue, o qual revela o momento em que as crianças participavam da brincadeira de roda com a cantiga da linda rosa juvenil,



Figura 1– Foto Flora 11/04/12

No registro escrito tínhamos sinalizado que três meninos não haviam brincado na roda, a partir disso achávamos que as propostas não haviam sido significativas para eles, mas ao contrário, o registro fotográfico mostrou que eles brincaram uma vez e depois decidiram ficar sentados conversando entre si. A fotografia reafirmou a importância dos registros, que permitem revisitar o vivido, resgatando os acontecimentos, percebendo detalhes que dificilmente são percebidos no momento em que estamos com as crianças. Assim, possibilitam uma ampliação da memória e, conseqüentemente, uma ampliação da nossa compreensão sobre a prática pedagógica. Essa imagem também reafirmou os diferentes tempos das crianças, tendo em vista que para algumas brincar uma única vez foi suficiente, enquanto para outras, a brincadeira deveria se repetir.

Diante das circunstâncias apresentadas pelo cotidiano na instituição, fomos planejando e replanejando dia após dia, pois concordamos com Ostetto (2000) quando

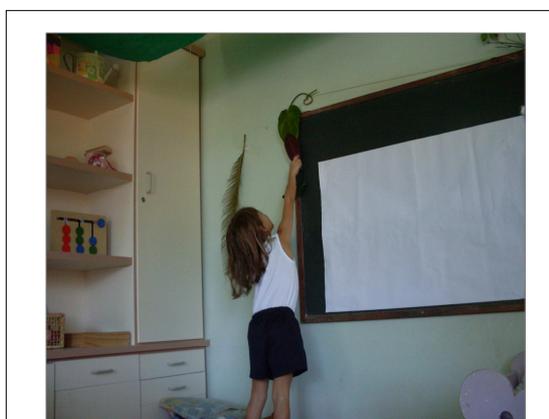
ela diz que “o planejamento pedagógico é atitude crítica do educador diante de seu trabalho docente, por isso não é uma fôrma, ao contrário é flexível, e permite ao educador repensar, revisando, buscando novos significados para sua prática pedagógica” (p. 177). Entendendo que o planejamento deve ser flexível a partir dos indicativos demonstrados pelo grupo, a seguir segue um recorte do planejamento que elaboramos, mas diante da dinâmica apresentada, as propostas foram repensadas,

Na acolhida das crianças iremos disponibilizar vários livros com imagens de dinossauros e brinquedos de dinossauros, espalhados sobre a mesa, para servir como inspiração e para auxiliar na proposta que envolverá desenhos de dinossauros nas transparências. As crianças serão divididas em dois grupos para que nós possamos dar mais atenção para cada criança. Após o desenho, as crianças poderão projetar seus desenhos no retroprojetor, brincar com as projeções e também brincar com as sombras dos dinossauros, já que esta brincadeira foi um indicativo demonstrado pelas crianças nos nossos registros. A intenção com esta atividade é posteriormente escolher um desenho de dinossauro realizado por elas, ou escolher a cabeça de um desenho, o corpo de outro, ir recortando partes de alguns desenhos até formar um dinossauro montado com as partes dos desenhos deles. Esta escolha será necessária para posteriormente propormos a construção de um dinossauro em tamanho maior em um papelão, a partir da imagem escolhida pelas crianças. (Planejamento 02/05/12)

Neste dia planejamos escolher com as crianças um destes desenhos ou juntarmos partes do corpo de diferentes dinossauros para a confecção de um dinossauro maior (em papelão), para trabalharmos as texturas da pele. Contudo, diante da dinâmica do grupo, que estava envolvido com a produção dos desenhos e as brincadeiras das sombras, achamos que a proposta seguinte não era mais importante do que o momento que estava sendo vivido pelas crianças, assim optamos por não fazer a escolha do desenho e a confecção neste dia.

Percebemos que este movimento de planejar, replanejar e o diálogo entre nós estagiárias foi essencial para compreendermos melhor a dinâmica das crianças e as especificidade da educação infantil, na qual as propostas devem considerar o interesse e o movimento realizado por elas. Em uma das nossas propostas planejamos o espaço/tempo na sala com o intuito de propiciar um ambiente lúdico, onde as crianças poderiam brincar e aumentar o seu repertório de conhecimento sobre os dinossauros. A partir dos registros e da análise destes, refletimos o quanto foi importante criar um espaço que oferecesse propostas simultâneas, como podemos observar no trecho do registro que nos relata sobre esse dia,

Algo que eles se envolveram bastante foi a projeção na parede e de acordo com os movimentos projetava-se a sombra, eles podiam brincar movimentando a mão e os dinossauros. Na medida em que as outras crianças iam chegando, se surpreendiam com as mudanças na sala, a Sara quando chegou disse: Olha, a nossa sala tá diferente! Observava tudo ao redor e começou a correr pela sala, tocava nas folhas e nos elementos que eram novos e dizia: diferente. [...] As crianças se envolveram bastante com o novo cenário montado na sala, os dinossauros disponibilizados na mesa foram utilizados para diversas brincadeiras, deitavam na cama para prestar atenção no vídeo, brincavam de sombras com as mãos e com os dinossauros. Montamos dois jogos com imagens das espécies dos dinossauros e disponibilizamos sobre a mesa, no primeiro momento eles estavam tão envolvidos com o cenário e os dinossauros que não jogaram, mas manusearam olhando as imagens. (Registro Andriele, 18/04/12)



*Figura 2- Sara explorando a decoração do espaço.
Foto Andriele 18/04/12*

O planejamento do espaço/tempo se mostrou um aliado, pois conseguimos perceber claramente a importância da mediação do professor, que não somente aquelas intermediadas pela linguagem oral, mas as possibilitadas pela estética do ambiente, pela estruturação do espaço, pela introdução de novos elementos. As propostas foram diversificadas, assim conseguimos abranger os interesses do coletivo, bem como do individual, pois os elementos montados através da organização do espaço ofereciam às crianças a possibilidade de escolha de brincadeiras em grupos ou individuais. Nesta proposição consideramos que conseguimos envolver todas as crianças, cada criança ao seu modo interagiu com algo que lhe interessasse.



*Figura 3- Crianças brincando com as sombras dos dinossauros que eram possibilitadas pela luz do projetor multimídia.
Foto Andriele 18/04/12*



*Figura 4 – Crianças brincando com as sombras e assistindo ao vídeo dos dinossauros.
Foto Andriele 18/04/12*

§

Em nossas proposições sobre este assunto, prevíamos que as propostas atenderiam mais os interesses dos meninos, pois eram eles que mais falavam sobre este assunto, mas ao longo do percurso observamos que as meninas também se interessaram, especialmente neste dia no qual exploraram o ambiente e os elementos que foram disponibilizados na sala, como podemos analisar em um trecho de registro, e em seguida nas fotografias que retratam este momento;

Como em um momento em que a Sara, a Mariana e a Marina estavam na mesa, Sara pegou dois dinossauros parecidos e me perguntou qual daqueles era o Rex? Respondi que eles eram parecidos e poderiam ser da mesma espécie. Ela disse: Ah, então esse era o pai e essa era a mãe! Eu disse: Podemos contar uma história sobre os dinossauros. A Sara disse: Ah, então vou procurar os filhinhos! Primeiro procurou um dinossauro menor, depois pegou outro dinossauro pequeno. Elas pegaram folhas para montar a cama deles e começaram a brincar com aquela história. (Registro Andriele, 18/04/12)

Pensar ações pedagógicas que respeitem a diversidade e o tempo de cada criança exige compreendê-la sua integralidade, para que ela se desenvolva e se expresse através da indivisibilidade de suas múltiplas dimensões e a educação deve se dar nessa integridade, assim como aponta Batista (1998, p. 170):

A partir da compreensão de que suas dimensões corporal, individual, cognitiva, afetiva constituem processos que se dão num todo, numa

relação de reciprocidade e de complementaridade é que se faz necessário que o tempo e o espaço estejam organizados, respeitando a lógica do tempo e do espaço da vida humana nestas diversas dimensões.

Como planejar práticas pedagógicas de forma a contemplar estas dimensões que são tão visíveis, demonstradas a todo o momento pelas crianças que frequentam a educação infantil? De que forma estas práticas estão contemplando a integralidade física e emocional das crianças? Que espaços e tempos possibilitamos para que estas dimensões sejam garantidas? Diante da realidade observada no estágio, apresentaremos a seguir um trecho de registro que demonstra as manifestações das crianças em suas diversas dimensões.

A professora chamou a turma para sentarem em roda e mostrar o livro sobre os dinossauros, contudo algumas crianças olhavam para o lado, outras crianças conversavam, o Anderson e o Otávio estavam rindo de algo, o João queria se pendurar no armário, subiu e não queria sair, depois tirou todos os brinquedos de uma prateleira e deitou dentro dela. Esta atitude do João chamava a atenção das outras crianças, que olhavam para o lado. A Eduarda trouxe aquele livro e estava interessada, falando sobre as imagens dos dinossauros, e querendo saber qual a espécie, mas as outras crianças não estavam entretidas naquela atividade, percebendo isso, parou de contar a história. (Registro Andriele, 10/04/12)

Em nossas observações percebemos que a roda se apresentava como parte do cotidiano deste grupo, assim em nossa prática também utilizamos este dispositivo em alguns momentos e percebemos que esse era um espaço privilegiado para trabalhar o diálogo e as dimensões afetiva, corporal, individual e cognitiva, que constituem processos importantes para o desenvolvimento da criança. Dessa forma refletimos qual o lugar destas dimensões no momento da roda? Em que medida se desenvolve estas dimensões com as crianças? Quais as possibilidades que oferecemos para garantir o lugar do corpo e do afeto em nossas práticas? Contudo, é essencial compreendermos como a roda de conversa é definida, como nos aponta De Angelo (2011, p. 60), como:

[...] momento privilegiado de diálogo e intercâmbio de idéias, em cujo, exercício cotidiano as crianças podem ampliar suas capacidades comunicativas, como a fluência para falar, perguntar, expor suas idéias, dúvidas e descobertas, ampliar seu vocabulário e aprender a valorizar o grupo como instância de troca e aprendizagem. (MEC/SEF, 1998, p. 138)

A roda é, ou deveria ser, este momento para o diálogo, da escuta e da fala, o qual propicia à criança expressar suas opiniões, levantar questionamentos, além de ter o direito de ter um espaço para falar, manifestar seus pensamentos e percepções de mundo. A garantia deste momento é necessária, pois não sabemos que outros momentos como este são possibilitados para ela, tanto na sua casa, como nos demais lugares que frequenta. Assim, de acordo com De Angelo (2007, p. 60), “[...] a roda de conversa vem sendo entendida e assumida como uma atividade significativa, na qual a criança, constituindo-se como sujeito da fala (e da escuta), é desafiada a assumir um papel mais ativo na comunicação”.

Em nossa prática tivemos dificuldades para organizar os momentos da roda, seja no convite à participação das crianças, como mostra este pequeno registro: “pedimos para organizarem a sala e chamamos as crianças para sentarem em roda. Contudo, até chamar e reunir todas as crianças em roda foi demorado e nem todas permanecem por muito tempo na roda” (Registro Andrielle, 11/04), seja na mediação dos diálogos e conflitos que por vezes eram apresentados pelos diferentes movimentos. Um aspecto fortemente demonstrado pelo grupo no qual estagiamos, foi a dimensão corporal presente nas relações que se estabeleciam entre as crianças e por vezes com a professora. As crianças se comunicavam através da linguagem corporal, para demonstrar ações tanto para o afeto, como para o desafeto, situações de conflito nas quais tínhamos dúvidas sobre como mediar, que atitudes tomar ou até que outras possibilidades oferecer para este grupo.

Na condução deste momento fiquei um pouco nervosa, perguntei quem gostaria de retirar algum objeto da caixa, considerando a sua curiosidade todas queriam, mal perguntei e elas já colocaram a mão para pegar. Contudo, não deveria ter perguntado, mas orientado uma de cada vez para pegar o objeto da caixa. A medida que os objetos saiam da caixa, explicávamos que foi utilizado há muito tempo atrás e para que utilizavam. Enquanto os objetos passavam nas mãos das crianças, algumas se lembraram de já terem visto na casa de seus avós. O Anderson estava segurando a fita cassete, mas o Mateus queria ver e ele não queria passar. O Anderson ficou muito nervoso, tentou morder o Mateus, gritou em cima dele e começou a chorar. A professora tirou o Anderson da roda para entender e conversar com ele. Continuamos mostrando fotografias de quando éramos pequenas, para puxarmos o assunto da fotografia, algumas crianças estavam se envolvendo, mas outras já estavam em outros lugares na sala. (Registro Andrielle, 12/04/12)

O trecho do registro acima demonstra um dos momentos de roda organizados por nós, no qual houve um conflito entre duas crianças, devido a disputa de um elemento que trouxemos para a proposta que estávamos encaminhando com o grupo. Diante desta característica apresentada, tentamos encontrar maneiras para trabalhar com esta situação, assim fomos acrescentando em nossos planejamentos brincadeiras e atividades que trabalhassem o contato com o outro, exercitando a relação e o companheirismo. Foram os casos das brincadeiras dança cooperativa das cadeiras, a brincadeira do beijo, abraço e aperto de mão, a prática do yoga juntamente com a massagem coletiva e a construção da mandala, como alternativa para a organização do momento da roda, sendo algo construído **com e para** as crianças.

3. A CONSTRUÇÃO DA MANDALA DO GRUPO

No decorrer desta experiência pensávamos em confeccionar algo que fosse um dispositivo pedagógico para os momentos de roda, assim esta ideia foi se modificando gradativamente, diante da dinâmica própria deste grupo, em conjunto com as sugestões dos profissionais que participaram deste processo. A ideia foi se complementando, no início pensamos em confeccionar almofadas, mas o objetivo não era trabalhar com algo individual, mas aspectos que ajudassem na aproximação do grupo. Durante este processo nos foi sugerido que pensássemos em um tapete como centro da roda, nesta perspectiva optamos pela construção de um tapete circular que envolvesse todas as crianças.

Esta foi denominada por mandala, por encontrar nela um ponto central, como observamos neste recorte do planejamento,

No decorrer das duas próximas semanas de estágio pensamos em construir com o grupo uma mandala, o objetivo é utilizá-la na contação de histórias, na roda ou em outros momentos para trabalhar com o coletivo, pois a mandala tem a característica de ter um ponto central, para o qual escolhemos os desenhos de cada criança e ao redor cada uma escolherá um retalho de tecido. Neste dia, a acolhida das crianças será realizada com uma música instrumental de fundo, juntamente com a apresentação das mandalas, pensamos em levar diversos desenhos de mandalas para colorir. Convidaremos as crianças para sentarem em roda e conversaremos sobre as mandalas pintadas e qual o seu significado (busca de um equilíbrio interior). O objetivo é que as crianças busquem o equilíbrio e a concentração individual, bem como aumentar o repertório de conhecimento sobre formas artísticas,

trabalhando com as cores e formas das mandalas. (Planejamento 03/05/12)

Na produção do tapete, pensamos em um formato diferente dos comumente observados nas instituições educativas e o qual abrangesse a todas as crianças do grupo. Assim, surgiu a forma circular, este símbolo pode contribuir para a organização do cotidiano da educação, assim pensando neste simbolismo como dispositivo pedagógico Ostetto (2009) em suas pesquisas reflete sobre este aspecto,

[...] comecei a pensar na carência de símbolos integradores na educação. A simbologia presente nas danças circulares dos povos fez-me pensar na formatação da educação institucional — seja Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio ou Universitário —, em que o quadrado ainda impera como desenho rígido, ângulos retos, linhas estáticas. Por meio das danças circulares, vi a educação na fôrma, quadrada, e imaginei: se as práticas educativas fossem arredondadas, tudo poderia fluir melhor. Não poderia? Talvez houvesse menos problemas de aprendizagem, distúrbios socioafetivos, doença de professores e crianças e outros males conhecidos na contemporaneidade. O quadrado pode ser estrutura que organiza, oferece base, mas também pode ser grade que aprisiona e estanca o fluxo do movimento. Sonho: o círculo, que agrega tudo e todos, girando na educação. Apareceu-me como uma imagem catalisadora, com a força capaz de inspirar a ação educativa nas mais variadas direções. O círculo como princípio. O que aconteceria se os educadores entrassem na roda, assumindo o girar de mãos dadas, entregando-se à busca e ao mistério do círculo dançante? (p.179)

Nas instituições educativas é difícil encontrarmos formas circulares, predominando formas quadradas, mas pensar no círculo como possibilidade para o trabalho pedagógico é indicativo para o trabalho em grupo, de modo que cada criança possa perceber ao outro e a si mesmo, sem perder sua singularidade, do mesmo modo, essa prática permite ao professor, como relata Ostetto (2009) em suas reflexões sobre o momento da roda:

A hora da roda era para mim um momento especial da prática pedagógica em que o grupo ganhava visibilidade. Era um ritual de encontro, troca, afirmação de pertencimento e identidade de um grupo — crianças e professora. Encontrando-se no espaço circular, todos “apareciam”, podiam dizer e fazer seu discurso ou cena. Exercício de alteridade na aventura de estar com o outro sem controle do conteúdo. Para as crianças, podiam ver e reconhecer umas as outras. Como professora, podia vê-las, reconhecê-las e ver-me, reconhecer-me. O que emergia do círculo era um mundo de conhecimento e autoconhecimento. (p. 180)

Para refletir sobre este assunto com as crianças e no sentido de socializar as mandalas por elas coloridas, convidamos todas para sentar em roda, assim conversamos com as crianças remetendo à aspectos relacionados aos sentimentos que envolviam o grupo, como observamos neste trecho de registro:

Colocamos dispostas no centro da roda e em círculo as mandalas coloridas pelas crianças. Começamos a falar sobre o significado da mandala. Tomei a mandala que eu tinha colorido, na qual o centro era um coração, disse que representava a amizade que tínhamos uns pelos outros, as crianças acrescentaram sobre o significado do coração, dizendo que poderia significar também o amor e o carinho entre eles. (Registro Ketlin, 03/05/12)

Seguimos para a realização da mandala, dividimos as crianças em grupos menores, pois desta forma, a partir de outras proposições realizadas, percebemos que poderíamos dar maior atenção às crianças, bem como elas se dedicarem na produção dos desenhos. O centro da roda foi constituído a partir dos desenhos das crianças, para o qual sugeríamos possibilidades de elaboração, sendo que algumas se basearam nos desenhos das mandalas que foram pintados em sala, outras se basearam em situações que vivem no NDI.

No momento da produção dos desenhos feitos pelas crianças, tínhamos dúvidas em como direcionar, como intervir na produção dos desenhos e se sugeríamos um tema para a produção destes ou deixávamos livres. Durante este processo tentamos algumas possibilidades, com o primeiro grupo pedimos para as crianças levarem para a produção dos desenhos as mandalas pintadas em sala, mas no decorrer da realização dos desenhos com as crianças percebemos que estavam se baseando muito nas imagens prontas que observavam na folha.



*Figura 6 - Meninas desenhando na mandala.
Foto Andriele 03/05/12*

Neste mesmo dia com o segundo grupo, percebemos a necessidade de sugerir algum tema para este momento, um deles eram brincadeiras ou situações que as crianças gostassem de fazer no NDI. Outra ideia de sugestão eram desenhos que demonstrassem a relação entre elas, pois havíamos observado muitas situações de conflito, neste sentido o intuito era fazer com que elas refletissem em atitudes de amizade, respeito, companheirismo, como observamos no trecho de registro:

Após o lanche dividimos em subgrupos, foram o Anderson, a Patrícia, o Lucas e o Mateus, com este grupo não levei os desenhos das mandalas, pois a forma como a proposta foi conduzida anteriormente, na minha avaliação, não deu certo, pois elas estavam copiando das mandalas pintadas e senti a necessidade de direcionar este momento com algum tema. Então, perguntei para eles o que gostavam de fazer quando estavam no NDI. O Anderson disse que iria desenhar ele e o Otávio brincando sem brigar, assim surgiu uma direção para conduzir este momento, seria uma sugestão para as crianças, pois houve desenhos com ideias diferentes, como o Lucas que queria desenhar um dinossauro, inclusive desenhou dois, embora essa não fosse a ideia é compreensível que tenha surgido, já que este tema é algo que as crianças deste grupo estão trabalhando. Não pedi para escrever o nome, contudo a Patrícia escreveu seu nome, o Anderson também escreveu, mas viu que tinha errado uma letra, escreveu novamente embaixo. Quando a Patrícia terminou seu desenho perguntei o que poderíamos colocar no meio do círculo, disse que poderia ser um coração. Perguntei se gostaria de desenhar, ela aceitou e desenhou um coração maior com duas canetas de cores diferentes. Ela disse que não gostou e dentro deste desenhou um coração pequeno e ainda outro coração menor. (Registro Andriele, 03/05/12)

Na condução deste momento pensamos que focando na abordagem as atitudes, no sentido de dialogarmos sobre as relações de respeito, poderia ser complexo e abstrato para as crianças compreenderem, contudo percebemos com a fala do Anderson, que eles estavam entendendo o intuito daquele momento, no qual o direcionamento era a elaboração dos desenhos para o auxílio do coletivo, sendo indicado na maneira como se expressaram.

O entorno foi constituído com retalhos de tecidos que tinham várias cores, formas e desenhos, os quais foram escolhidos pelas crianças, de acordo com seus gostos e preferências individuais. A intenção dos tecidos ao redor da mandala era possibilitar que cada criança tivesse seu lugar na roda para sentar, sendo que este fosse um espaço convidativo e confortável, não no sentido de conformar os corpos, mas de possibilitar uma maneira de organização que não causasse mal estar entre elas. Tendo como referência que o grupo é constituído por quinze crianças e três adultos, a organização

dos lugares exigiria considerar uma dimensão que incluísse a todos de forma agradável. Assim, com a parceria das crianças decidimos juntos no momento da colagem dos tecidos, o espaçamento necessário para possibilitar tal conforto.



*Figura 9 - Crianças colando os tecidos na mandala
Foto Andriele 10/05/12*



*Figura 10 - Socialização de estágio
Foto Andriele 23/05/12*

Como podemos perceber na fotografia, as dimensões da mandala foram aproximadamente 9 metros de circunferência, de fato esta é ampla, exigindo espaço para a utilização. Diante deste aspecto refletimos sobre o espaço disponibilizado nas instituições de educação infantil nos momentos de roda. Pois percebemos que uma das possibilidades que ajudam a tornar estes momentos agradáveis é a disposição de um espaço que possibilite as diferentes formas de expressão demonstradas pelas crianças. Além disso, é interessante que esse espaço seja atraente e significativo, para que as crianças sintam vontade de participar e estar na roda, neste sentido Ostetto (2009) em suas experiências partilha desta mesma ideia, “[...] além da forma, da marcação carinhosa de um espaço especial para a conversa, esteve em jogo também uma estética: do aconchego, da beleza, do acolhimento, constituindo um ritual” (p. 191).

O tempo necessário para a produção da mandala foi duas semanas, nesse sentido considerando o curto período do estágio, a utilização da mandala por nós estagiárias junto com as crianças ocorreu em três dias. No primeiro dia que trouxemos a mandala para utilizar na sala, primeiramente brincaram ao redor do tecido, depois juntos auxiliaram para estender no chão e logo procuravam e comentavam os desenhos no centro da roda e outros procuravam os tecidos ao redor. Nesta primeira experiência observamos que a apresentação desta causou um novo movimento entre as crianças. O trecho de registro a seguir representa a nossa percepção neste dia,

Percebemos certamente que o uso da mandala possibilitou uma melhor organização no que se refere ao espaço utilizado pelas crianças, pois a roda ficou bem maior e as crianças puderam se sentar mais confortavelmente e também puderam ter uma melhor visão uma das outras. O centro da mandala também ajudou, pois as crianças respeitaram esse centro, de forma que nenhuma criança ficasse na frente da outra. Foi interessante também perceber o significado que esses desenhos e a mandala em si têm para as crianças, já que elas comentaram sobre suas produções, mostraram para os colegas seus desenhos. (Registro Ketlin, 14/05/2012)

O segundo dia que utilizamos a mandala foi na socialização do estágio, realizado em dois dias na instituição, percebemos o quanto foi significativa a produção desta para as crianças, pois comentavam os seus desenhos e tecidos e notamos que elas apresentaram cuidado para com a mandala, no sentido de preservá-la, percebemos que algumas crianças “chegavam e tiravam os sapatos por conta própria, pois segundo elas não queriam sujar, e começavam a brincar sobre o tecido” (Registro Ketlin, 24/05/12). Outro indicativo deste zelo foi demonstrado pelo “Carlos que observou umas folhas caídas em cima da mandala, e disse: Sai folha, da nossa mandala! E a pegou para tirar de cima” (Registro Andriele, 24/05/12).

A disposição da mandala no chão se tornou um convite para brincadeiras que envolvessem a forma circular, onde as crianças nos convidaram para brincar, como observamos neste trecho de registro:

A mandala exposta no chão foi um convite para as crianças utilizarem, várias permaneceram em cima dela correndo e brincando. A forma da mandala modifica a disposição das brincadeiras, por ela ser redonda indica para as crianças pensarem em movimentos em roda, tanto que no segundo dia, a Sara, o Carlos, a Mariana, a Luiza, a Eduarda e a Patrícia, nos chamaram para brincar com a cantiga: “Linda rosa juvenil”. Esta foi proposta no início das proposições, que inclusive pensávamos que não havia sido muito interessante para elas. Mas diante do formato em roda, a mandala remeteu às crianças o interesse pela cantiga, lembrando e nos convidando para brincar, cantamos duas vezes, bem como outras cantigas iniciadas pelas crianças, como “Rodacutia” e “Atirei o pau no gato”. (Registro Andriele, 24/05/12)

A socialização além de ser uma devolutiva da nossa experiência de estágio para a instituição, famílias e crianças, também foi um retorno que estes nos deram. Durante o período de estágio não tínhamos ideia do envolvimento das famílias nesse processo, mas no diálogo realizado durante a socialização, percebemos o quanto as famílias

acompanhavam o que estava sendo realizado através das falas das crianças e o interesse demonstrado em casa.



*Figura 11 - Crianças brincando na mandala, socialização de estágio.
Foto Dafne 23/05/12*



*Figura 12 - Famílias e crianças na socialização de estágio.
Foto Dafne 23/05/12*

Diante do que vivemos durante o processo de estágio, destacamos uma das especificidades do trabalho na educação infantil, que é a característica heterogênea das crianças, reconhecendo que lidamos com indivíduos diferentes e, portanto, apresentam movimentos e tempos diferentes. Como um exemplo desta realidade teve uma criança que não sentiu o interesse de desenhar e escolher o tecido para a confecção da mandala, chamamos em momentos diferentes e ela não quis realizar a proposta. Conversando com a professora do grupo, decidimos deixar este espaço sem tecido para em outra situação, quando ela se interessar, a professora do grupo possa encaminhar com ela.

Na socialização percebemos o quanto foi intenso e significativo este período de estágio, opinião apresentada pelas crianças em suas ações e falas. Nesse sentido, diversos são os modos que as crianças utilizam para indicar suas opiniões com relação à prática pedagógica, considerando que estas são de acordo com os seus interesses e tempos, que muitas vezes não são imediatos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio é um momento destinado para nos aproximarmos da realidade e do contexto que estamos estudando no curso de Pedagogia, nessa perspectiva este período se apresentou como um momento cheio de surpresas e desafios para serem superados e

pensados. Olhando para o que vivemos percebemos o quanto foi gratificante, como aprendemos e ainda temos muito para aprender. Na experiência de estágio experimentamos a docência, incluindo estar com as crianças, observar, planejar, registrar, replanejar, organizar atividades, pensar em novas possibilidades para a ampliação de repertório das crianças, entre outras funções que são apresentadas. Todo este movimento nos faz refletir sobre as condições do profissional da educação infantil, que exige tempo, compromisso, dedicação para com a educação e cuidado. Pensar em políticas públicas na educação para valorização deste profissional, que em muitas situações passa por condições precárias, o que interfere no trabalho pedagógico.

Nesta experiência de estágio na educação infantil tivemos a oportunidade de refletir sobre questões que envolvem o cotidiano desta etapa da educação básica, a qual consideramos ser um período rico para o desenvolvimento da criança. Neste movimento experimentamos o que é a docência com as crianças pequenas, que se apresentou ora com desafios ora com satisfações, em relação ao movimento dinâmico das crianças e no conhecimento do grupo. A partir do momento que exercemos a docência considerando de fato os direitos das crianças, sua autonomia e suas especificidades, temos que respeitar estes movimentos, que em muitas vezes são diferentes da organização do adulto.

As reflexões que foram tecidas neste artigo partiram das realidades que observamos e vivemos no estágio, assim o intuito é reafirmar a ideia que o cotidiano nas instituições de educação infantil é constituído pela heterogeneidade, pela pluralidade de tempos, de linguagens, de expressões através de múltiplas dimensões humanas. Isso é decorrente do fato de as crianças serem sujeitos heterogêneos, que reproduzem e produzem cultura, que são completos em si mesmos e têm direitos sociais, inclusive o direito de viverem suas infâncias.

Para tanto, pensar em uma pedagogia que respeite os direitos das crianças, que respeite essa heterogeneidade e que permita que elas se expressem em todas as suas dimensões, requer reflexão do trabalho educativo e organização do tempo e do espaço das creches, que coadunem com essa perspectiva. Abranger a heterogeneidade das crianças em um espaço que é coletivo como a creche, não é tarefa fácil, contudo é essencial para garantir uma educação que permita às crianças viverem suas diferentes infâncias.

O cotidiano da educação infantil mostrou que as crianças se constituem por movimentos bastante dinâmicos, se expressando através de suas múltiplas linguagens, e

que por vezes se chocam com propostas que orientam para uma vivência única. Tivemos a oportunidade de perceber tal questão com as crianças do grupo onde foi realizado o estágio, elas nos indicavam a todo o momento os diferentes interesses e formas de participação. O vivido junto ao processo de documentação pedagógica nos permitiu conhecer com mais propriedade as especificidades das crianças e do trabalho na educação infantil, sendo importante a organização das propostas serem pensadas não só para o coletivo, mas também para o individual. Destacamos a importância de utilizar diferentes instrumentos para a organização dos registros e, sobretudo a análise cuidadosa destes, pois a reflexão dos registros é primordial para se compreender o cotidiano educativo e organizar sistematicamente o trabalho pedagógico.

O planejamento de propostas que respeitem os diferentes tempos, os diferentes interesses, as diferentes formas de participação e expressão, propostas que não anulem o diálogo, a voz, a participação das crianças, que respeitem os movimentos, que integrem suas múltiplas dimensões. Nesse sentido, temos que considerar as singularidades para enriquecer o coletivo, mas não anular os aspectos individuais e sim a partir deles e considerar as contribuições que são levantadas por cada criança.

6. REFERÊNCIAS

ANGELO, Adilson de. O espaço-tempo da fala na educação infantil. a roda de conversa como dispositivo pedagógico. In: ROCHA, Eloisa & KRAMER, Sônia (orgs). **Educação Infantil: Enfoques em diálogo**. Campinas, SP: Papyrus, 2011, p. 53-66. Série Prática Pedagógica.

BATISTA, Rosa. **A rotina no dia-a-dia da creche: entre o proposto e o vivido**. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

COUTINHO, Angela Maria Scalabrin. **Culturas infantis: Conceitos e significados no campo da pesquisa e no cotidiano da educação infantil**. In: IV Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul - ANPED/SUL, 2002, Florianópolis. Anais do IV Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2002.

OLIVEIRA, R. M. de Zilma. **O Currículo na Educação Infantil:** o que propõem as novas diretrizes nacionais? Brasília: MEC, 2010. Disponível em:http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=1096&id=15860&option=com_content&view=article Acesso em: novembro de 2010.

OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Encontros e encantamentos na Educação Infantil:** partilhando experiências de estágios. Campinas/SP: Papirus, 2000.

_____. Planejamento na Educação Infantil: mais que a atividade, a criança em foco. In:**Encontros e encantamentos na Educação Infantil:** partilhando experiências de estágios. Campinas/SP: Papirus, 2000, p. 175-199.

_____. Observação, registro, documentação: nomear e significar as experiências. In: OSTETTO, Luciana O. **Educação Infantil:** saberes e fazeres da formação de professores. 4ª ed. Campinas: Papirus, 2010, p. 13-32.

_____. **Na dança e na educação: o círculo como princípio.** Educação e pesquisa, vol. 35, núm. 1, janeiro-abril, 2009, p. 177-193, Universidade de São Paulo, Brasil.